ANNO I — S. João d'El-Rei, 1 de Novembro de 1885 — N. 7

O DOMINGO

PARA A CIDADE
Anno .... 6$000
Semestre..... 3$000

Redactores — Jorge Rodrigues e José Braga

PARA FÓRA
Anno ...... 6$000

Escriptorio e officinas — Rua do Duque de Caxias, 54

SUMMARIO

O DOMINGO

S. João d'El-Rei, 1 de Novembro de 1885.

Bernardo Guimarães

A viuva deste illustre litterato, cujo nome luminoso destaca-se entre a phalange das mais elevadas glorias desta provincia, — dirigio á redacção da *Gazeta de Noticias* uma carta, que, positivamente, não é para desvanecer os comprovincianos de seu marido . . .

Na sua expressiva eloquencia commovedora e triste, as palavras da inditosa viuva são um protesto angustiado contra os filhos de Minas-Geraes. Elles não fizeram ainda quanto deviam pelos herdeiros de um nome, que tanto honrou a terra querida de seu berço.

Sentimos que a viuva de B. Guimarães se dirigisse a um jornal da côrte, quando encontraria mesmo em Ouro-Preto e em outros pontos importantes da provincia, quem lhe attendesse ao justo appello com toda a dedicação e com um resultado, talvez, mais proficuo.

Em todo o caso, esse pedido mesmo vindo de outras plagas, deve ser attendido em primeiro lugar pelos mineiros, que em questões de generosidade, de franqueza, de altruismo, nunca foram os ultimos.

A propria familia do mallogrado escriptor tem disto a prova, porquanto logo apoz o fallecimento de seu laureado chefe não houve demora em testemunhar-se o interesse que a todos inspiravam a virtuosa esposa e os orphãos desditosos.

Se foi pouco o que se fez, como não se pode deixar de admittir, podiam evocar de novo o auxilio dos seus comprovincianos e temos certeza que elle não se faria esperar.

A reclamação da viuva enviada á *Gazeta de Noticias* hade echoar dolorosamente, por força, nos corações mineiros.

Devem tomal-a promptamente em consideração todos os amigos, patricios e admiradores do autor das *Folhas do Outono.*

Eis a carta da viuva:

«Srs. redactores da *Gazeta de Noticias.*

— Diz o proverbio: — a fome e a sêde põem a lebre a caminho.

— Desta verdade me convenceu a desgraça. Sou obrigada pelo dever de mãi a occultar o rubor e pedir a V. V. o favor de, por meio de seu jornal, que sempre esposou a causa dos infelizes, dirigir aos mineiros uma supplica em prol da desventurada familia de Bernardo Guimarães.

Convenço-me de que, se os admiradores do poeta soubessem que os sete orphãos seus filhos não podem receber uma educação regular por falta de recursos, e que meus braços, alem de fracos, ainda estão occupados por um posthumo, certamente estender-lhes-hiam mãos caridosas, concorrendo com um pequeno obolo para amparal-os em sua meninice e arrancar-lhes ao menos a crosta da ignorancia.

Podem V. V. aquilatar o soffrimento de uma mãi ao ver seus filhos, os filhos de um poeta, que com seu bello talento tantas glorias deu a seu paiz, descalços e bem pouco agasalhados, luctando com difficuldades para se educarem!

A dôr de ver os filhos de semelhante homem reduzidos a penuria anima-me a collocal-os sob a protecção da illustrada e nobre redacção da *Gazeta de Noticias.*

Espero, Srs. redactores, que V V. se dignarão advogar a causa dos filhos de Bernardo Guimarães, dedicando-lhes algumas linhas do seu jornal, como sóem as almas generosas, para attrahir a attenção de outras iguaes.

E se V. V. julgarem que para isso é necessaria a publicação d'estas linhas, dictadas pelos apuros do amor maternal, podem-no fazer, certos de que tudo quanto se dignarem fazer a bem dos infelizes orphãos, se gravará para sempre no coração de sua mãi, que é com toda a consideração, etc — *Thereza Maria Gomes Guimarães.*»

Em nosso escriptorio está aberta uma subscripção cujo producto reverterá em favor da familia do popular escriptor.

Confiando nos largos sentimentos generosos dos nossos conterraneos, esperamos obter uma quantia qualquer — modesta embora — para enviarmos áquelles que trazem o nome de — Bernardo Guimarães.

Collaboração

PUBLICAMOS hoje um bellissimo conto, que nos enviou da côrte o Sr. Tancredo de Mello, um noviço nas lettras, mas um noviço cheio de convicção e de valor, como

dizem aquelles que já tiveram a fortuna de ver a interessante collecção de bons trabalhos ineditos do intelligente moço.

O *Estranho caso* é um escripto correcto, apreciavel, amoldado ás exigencias do estylo moderno, seguindo com habilidade as prescripções da eschola naturalista, que tão consagrada está hoje pelos coripheus da alta litteratura.

Agradecemos a Tancredo de Mello a fineza com que distinguio *O Domingo*, enviando-lhe a producção de seu talento forte e nobremente ambicioso. Esperamos que continue a apparecer.

Recebel-o-emos sempre com prazer immenso.

Todo o trabalho de merecimento encontra espaço em nossa modesta folha.

Syntaxe latino

RECEBEMOS um exemplar do folheto que com este titulo publicou o nosso presadissimo e saudoso mestre padre Francisco Antunes de Siqueira, na capital da provincia do Espirito-Santo.

E' uma explicação concisa, perfeita e utilissima das regras da syntaxe da lingua latina, de um grande valor didactico, que vem ampliar consideravelmente os velhos methodos adoptados.

O revm. padre Antunes é professor de latim do Atheneu Provincial da Victoria e offereceu aos seus alumnos o importante trabalho, que acaba de publicar.

Ao illustrado e venerando professor saudamos cordialmente, e agradecemos a delicadesa com que se apraz em distinguir um dos seus mais dedicados discipulos que é tambem um dos seus mais sinceros admiradores.

Aureliano Pimentel

PROCLAMAR o nome d'aquelles que por seus talentos e distincções honram e elevam o berço onde nasceram, é grato cumprimento de dever restricto.

A gloria que inunda de clarões deslumbrantes a fronte dos homens preclaros, reflecte immediatamente sobre a plaga abençoada que lhes deu o berço. Seus conterraneos soem ser os primeiros nesse applaudir enthusiastico, que os grandes meritos inspiram, nesse louvar perenne a que tem direito o talento fortalecido pelo proprio esforço, victoriado pelas concepções valiosas, ennobrecido pela dedicação ao estudo consciencioso e pela honestidade, que traça-lhe o caminhar impavido em larga estrada de virtudes.

Debaixo deste ponto de vista, *O Domingo*— folha litteraria de S.João d'ElRei—não pode deixar de exaltar em suas columnas desinteressadas o nome de um homem de lettras filho desta terra, profundo pensador, philosopho adiantado, que com o auxilio unico da sublime audacia de sua possante mentalidade, do amor fervido e sincero pelos estudos serios, da sagrada aspiração ardente de estabelecer intimas relações com a Sciencia,— tem conquistado posições invejadas, justos galardões d'aquelles que se procuram nobilitar pelo talento e pelo trabalho e que na doce embriaguez honrosa do saber, acostumam-se a desprezar e a esquecer as pequeninas miserias deste mundo sublunar, onde a futilidade, o vicio, as paixões inuteis, esforçam-se por substituir—o livro, o trabalho e a crença.

O nome laureado que serve de epigraphe a este artigo—cujo unico intuito é prestar devido preito a quem de todos o merece tanto— reponta como scintilla de gloria, espraiando-se nas folhas da historia deste feliz torrão, a illuminar-lhe as paginas.

Exemplo forte de extrema dedicação ás lettras; mestre de tantos moços que por ahi figuram e se distinguem brilhantemente, alma generosa e admiravel na interpretação dos sentimentos e dos deveres paternaes; caracter de antiga tempera, affeito ás prescripções da rectidão e da honradez;—por todas essas qualidades, que reputamos bastante poderosas, Aureliano Pimentel faz jus á consideração dos seus compatriotas, em geral, e ao apreço especial dos seus conterraneos.

Agora que o vemos occupando um dos cargos mais importantes do funccionalismo publico da capital do imperio, é occasião opportuna de fazermos— não uma biographia, que não dispomos de bastante espaço para trabalho mais perfeito —mas, um estudo sobre os merecimentos litterarios do nosso venerando amigo e sobre as producções do seu espirito culto.

Em primeiro lugar notaremos em Aureliano Pimentel a paixão acendrada pelos trabalhos intellectuaes.

Chefe de numerosa familia, leccionando a não pequena porção de discipulos particulares, professor de philosophia e rethorica e mais tarde de latim no Externato publico e de outras cadeiras em estabelecimentos particulares, desta cidade, sem esquecer nenhuma das suas obrigações de esposo e de pai, que foi sempre exemplar, e sem faltar a um só dos deveres de mestre,—adiantava continuamente os seus conhecimentos, que dentro em poucos annos tornaram-se de uma vastidão consideravel.

Vivia aqui modestamente, despretenciosamente, n'aquelle recato e n'aquelle desprendimento, que fazem o apanagio dos homens de merecimento real.

Era uma demonstração viva do proverbio que diz— não ser propheta ninguem em sua terra.

(*Continua*)

Novo jornal

FREDERICO Salgado, o nosso digno collaborador, vai fundar em Barbacena uma empreza jor-

nalistica, que já conta com a adhesão de muitos cavalheiros dos mais distinctos d'aquella cidade.

O novo orgam, sob a direcção do nosso amigo, poderá alcançar triumphantemente um futuro radiante, pois que o espirito esclarecido e o adiantamento intellectual de Frederico Salgado serão uma garantia bastante forte para sustentação e progresso de iniciativa de tal ordem.

Será filiado o jornal ao partido dos interesses daquelle municipio, seguindo-se d'ahi, gradualmente, os da provincia e os do paiz.

A realisação desse emprehendimento será de grande vantagem para Barbacena, onde um jornal serio e digno se poderá manter.

Esperamos anciosos o futuro collega, porque desejamos para a visinha cidade um jornal honesto, que faça esquecer alli as ignominias de infandos continuadores da obra de Apulchro de Castro.

Estranho caso

De sua infancia elle conserva apenas ideas bem vagas; guarda na memoria, indecisamente gravados, uns raros quadros de imagens evasivas, como que sonhadas, de contorno mui pouco firme, colorido muito apagado. Uma porção emfim de cousas indistinctas, intangiveis, fugitivas. Mas nada que tenha n'alma repercussão forte que lhe seja recordação verdadeiramente agradavel dessas que são consolo certo em momentos de amargura; nada que de longe lhe sorria, que lhe envie de longe almo calor e balsamo suave de serenas alegrias, corte das tristezas, mitigação aos duros golpes com que vae o viver nos callejando.

Hoje, aos trinta e nove annos, vae vivendo em labutar continuo, socegadamente, e só empalha moveis.

Tem o todo rude e sympathico de operario sério, que já viu muita cousa, rolou um pouco por toda a parte e deixa, afinal, agora os annos correrem bem equilibrados, todo entregue ao trabalho agro, methodico, que é saude e prazeres e consolações. Alto, magro, requeimada a pelle, olhos negros, vivos, bondosos, talvez um tanto sombreados por véu de tristeza leve que mais se sente que se vê — anda compassado na rua, todas as tardes, com ar pacato e reflexivo, balançantes moderadamente as mãos callosas, grossas, que terminam nodosos dedos e unhas chatas.

II

Da mocidade ficaram-lhe algumas reminiscencias, serie de esboços leves de scenas que se baralham, muitas sem ligações umas perdendo-se em outras ou em densas sombras que afogam, raras se destacando com traços fortes no todo.

A melhor epocha parece-lhe as vezes ter sido o começo do aprendisado em casa de marceneiro da rua Direita, quando, depois da morte do pae, veio com a mãe para a cidade. Trabalhava-se menos que se vadiava pelas ruas, nas praças, nos adros de egreja sempre cheios de gente — doceiras velhas que se arreliavam no meio de galhofar ruidoso, beatas magras que se assobiavam, roceiros a cavallo que em nuvens de poeira passavam galopando, galopins bulhentos, vivos, levados. E eram os empurrões e as correrias e as bravatas em dias de festa, acabados sempre em pagodes grandes com mulheres, no meio de danças, cantigas, e algazarras; pagodes finalisando em bebedeiras, e em rixas cheias de bordoadas valentes e mesmo, de quando em quando, em odios tinctos em sangue.

Foi o tempo da paixão que teve pela Margarida e que, de envolta com tão bons momentos, tantas afflicções lhe trouxe.

Isto durou pouco, foi o que valeu, e é verdade que, quando viu que delle zombavam, a paixão bem depressa se foi. E é exquisito: quasi nada della ficou. E' que não era funda, não. Cousas de creança, que o era ainda e muito, mais nada.

Quanto a trabalhar, se o fazia não era grande cousa; vadiava bastante, isso sim. E foi justamente quando uma febre maldicta atirou a pobre da velha mãe na cova escura. Chorou como creança e vagueou muito tempo como doido, á tôa, sem saber o que fazer.

Sosinho no mundo, sem arrimo de affeições, é duro, bem duro ganhar-se a vida . . . agora, que se habituou, parece-lhe a cousa muito mais facil, muitissimo.

III

Num grande samba em casa da tia Calixta, travou conhecimento com o Sabino e o filho do Chagas, dois conhecidos capangas que o convenceram facilmente de que isso de se trabalhar n'um officio bem pouco rende e mui pouco tempo dá que sobre para divertimentos bons. E, quando vieram as eleições, seguiu-os. Foi a primeira, mas tambem foi a ultima vez.

Que balburdia e quanta trapaça — com seu acompanhamento de desordens, cacetadas rijas, agudas navalhadas — e, depois, que festa esplendida! Ficou-lhe tudo bem gravado na memoria. Tambem, pudera, se lhe rendeu a campanha algum dinheiro que em pagodes se foi rapidamente, rendeu-lhe tambem seis annos de Cadeia — o melhor tempo de toda a sua vida, com certeza, o mais tranquillo e cheio de prazeres socegados, que são os que mais lhe agradam, sabe-o bem agora.

Naquelles dias era perigosa a egreja. Só vendo o que ia lá por dentro — uma confusão, um agitar-se, uma gritaria; gente seria e rica de mistura com pobres e vagabundos; doutores, fazendeiros, padres e, circulando brutalmente no meio da massa compacta e ondulante, capangas desempenados, ousados, de olhar duro e fero.

Chegou a tomar os modos e um pouco da giria e do quebrado bambolear desta gente, e na noite da manifestação fazia corpo com elles — á frente da musicata, berrando continuamente vivas e morras, o chapéo de palha á banda, gingando com o abanar de mãos decidido de quem se atira a tudo, a cada passo molhando as guélas com agua-ardente n'um balcão de venda.

As duas horas da madrugada estava cançadissimo, rouco, e não distinguia claramente as cousas, nem, o que lhe diziam, nem o que fazia. Era no cerebro, no vazio que faz o entorpecimento das noções mais simples, o vortilhar de luzes, de gente, de ideas exquisitas, inqualificaveis, como um atordoamento que trazia o reflectir de tudo isso em mil espelhos que se reenviavam as imagens, luzindo como fócos.

Não sabe bem como foi, mas na sua

rebentou uma rixa entre muitos. Deu pancada a valer, levou muita bordoada, esbravejou e afinal sentiu que o levavam. Era a policia que o tinha agarrado. Dormiu na Cadeia.

O que durante todos aquelles longos mezes do processo se passou vem-lhe agora á memoria como que envolto na bruma espessa de sonho máo.

Passou por todas as angustias de pesadelos em que se é perseguido e em que se cahe no vácuo.

Era um estado d'alma dolorosamente afflictivo; uma vida agitadissima, toda remoida entre esperanças e abatimentos, cheia de rancores impotentes e de enthusiasmos de quem crê, de tristezas de abandonados e do padecer surdo dos opprimidos. Era sobre tudo uma vida completamente desmantelada pelo dilacerar agudissimo da ferrea mão pesada da injustiça.

Atordoado, crendo agora e logo depois descrendo, magro, pallido, o moral e o physico doentes nervosamente, apresentou-se ao tribunal, que o julgou criminoso de tentativa de homicidio e não sabe mais que outras cousas graves e o condemnou a seis annos de cadeia.

Nem uma voz, por assim dizer, que o defendesse . . ., e elle, abandonado de todos, sem paes, sem amigos, sem ninguem por si, roia o freio amargo, prostrado já em indifferença de fatalista

(Continua)

TANCREDO DE MELLO

Os Mortos

O DIA de hoje é uma triste imagem da vida.

Amanhece contente e risonho como *baby* quando faz annos.

A igreja põe a sua toilette de festa, enche de flôres os seus altares, de incenso as suas imagens, de sonoros cantos alegres os echos dos seus templos; — é dia de grande gala no céu.

O orgão geme musicas jubilosas com a sua grande voz dolente que mesmo quando sorri parece um trovão a dizer segredos de amor. Os sinos fazem cabriolas de palhaços nas suas altas guaritas de pedra, ensurdecem os astros com as suas canções joviaes gritadas em notas metallicas e estridentes.

Nas chaminés burguezas fumegam os assados bem cheirosos, sussurram promessas as costelletas na grelha; os vinhos do Porto teem scintillações douradas dentro das garrafas de crystal; os guardanapos abrem-se como caudas de pavões pequenos nos pratos da Vista Alegre; a familia reune-se patriarchalmente em redor da mesa posta com symetria; a canella desenha figuras caprichosas sobre a tela amarellenta do arroz doce; os sorrisos penduram-se nos labios entreabertos: a bonhomia passeia por todos os rostos, as azeitonas parecem boias liliputianas num pequeno oceano de vinagre, as passas espreguiçam-se pelos pratos de sobremesa, as nozes tem estalidos alegres, os copos despejam-se e tintilam chocando-se em movimento continuo; as saudes que sahem dos labios encontram-se com o Porto que entra; ha o expansivo bemestar da familia; o contentamento honesto e bom do lar; os estomagos estão cheios de manjares sadios e fortes; as consciencias cheias de tranquillidade descuidosa e suave; é o dia de Todos os Santos—um dos dias em que Lisboa, se não despe o vestido Benoiton, põe por cima delle o capote nacional.

Mas, como nas cêas dos Borgias, e na vida real, os cantos festivos que saudaram o sol ao erguer-se no horisonte, e a terrina da sopa ao despontar na mesa, são depressa cortados por uma nota triste, plangente, tragica, como as *romanzas* de Mafio no banquete de Negroni. E' o mesmo *Dies iræ* terrivel que alli troveja na bocca dos coristas quando o *snr. Reduzzi não be be*, o que apparece aqui fatal e implacavel, no tanger lugubre dos sinos, quando o sol se apaga no céu, e os candieiros accendem na terra.

Os santos gloriosos que *au grand complet* se nos apresentam nesse dia na folhinha, cercados da sua aureola beatifica, escondem-se, pouco a pouco, silenciosos e tristes como collegiaes recolhendo-se ao dormitorio á voz sinistra desse sino que parece, pela sua pesada lingua de bronze, falar em nome de todos os mortos que esperam por nós na cova, reminiscencias dolorosas de todos os vivos, que os choram a elles no mundo.

E' o seu dia, coitados! é o dia em que elles se impõem fatalmente a todas as recordações, em que se vingam dos esquecimentos, dos perjurios, da indifferença.

Durante todo o anno, dormem nas trevas indefezos, sem poderem luctar com os vivos, que os vencem e que os fazem esquecer. Aos sorrisos de amor que arrancam as suas imagens dum coração querido, só podem responder com o seu sorriso imbecil de caveira.

Dantes vingavam-se das traições, luctavam com os rivaes, amavam e eram amados, tinham sympathias e odios, podiam ferir com um sarcasmo, conquistar com um sorriso, vencer com um beijo. E agora quem quer os vossos beijos, caveiras? quem se importa com os vossos sorrisos, esqueletos? quem faz caso dos vossos sarcasmos, covas?

Os teus beijos, Julieta! vai dal-os a Romeu, que ainda hontem dormia nos teus braços amorosos, e que respirava anhelante o teu halito, que era um perfume, e que hoje foge de teus labios escancarados pela morte, do teu seio onde encontrava o amor—a flôr da mocidade, onde hoje nasce o esquecimento— a flôr da podridão!

E'neste dia lugubre em que os theatros se fecham, e que as velhas saudades se abrem, que os pobres mortos resurgem das suas covas e vem viver minutos com aquelles que os amaram.

Um dia, entre 365! Não é um grande côrte nos nossos prazeres mundanos, não ficamos pobres de risos nem elles ficam ricos de lagrimas.

Choremos sobre elles, vivamos uns minutos na sua companhia, que era tão alegre, tiremol-os do seu isolamento, que é tão triste.

Vinguemol-os dessa idiota invencivel, dessa imbecil triumphadora, que anda por ahi toda orgulhosa do seu poder a apagar sorrisos e a plantar cadaveres, ao acaso, sem saber quem mata, sem saber quem ha-de matar.

Mostremos-lhe que somos tão fortes como ella.— Ella mata; nós resuscitamos; ella tem a fouce, nós temos a memoria, e se ella precisa de 48 horas para decompôr um corpo, dum mez para despir um esqueleto, a nós basta-nos apenas um segundo para, com as opulentas galas da nossa reminiscencia uberrima, arrancarmos um morto da cova, e vestil-o com o seu involucro mundano, para viver comnosco no grande mundo dos espiritos.

Ha uma só cousa que vence a morte—a saudade.

E' ella que enluta amanhã as almas, é ella que nos guia, melancolicamente, hoje a penna, para estes assumptos lugubres, mas, ao mesmo tempo, cheios de encantos e de suavidade como estes curtos dias de outono, que vão enxotando as aves e despindo os bosques com os seus beijos demorados e dulcis-

simos de estação que advinha a morte.

Foi bem escolhido para tempo dos mortos o outono, o outono que enche a terra de folhas seccas, e que deixa ao inverno terrivel as arvores em esqueletos.

Este anno os seus primeiros sopros arremessaram ao regaço da morte mais uma rosa! á cova mais um cadaver! — uma flôr que vai desabrochar em goivos na terra, fria e farta de carne humana, que se desentranha em mausolêos ricos e em cruzes pobres, no occidente da cidade.

Como é um dia de reminiscencias tristes, podemos ir colher essas saudades ao cemiterio.

E'a historia triste duns 15 annos; uma tragedia pungente de lagrimas trivial e medonha que se passou numa pequena loja—mais pequena que muitos mausolêos—uns 7 palmos sobre a terra que foram morada duma formosa criança, que bem cedo os trocou por 7 palmos debaixo d'ella. Não foi um acontecimento notavel em Lisbôa. Os fundos não desceram, não brilharam á luz do sol commendas, não fizeram discursos, não vieram relações de nomes nos jornaes.

Foi a morte duma pobre estanqueira: uma rapariga de 15 annos que só tinha uma riqueza—a alegre mocidade, o brilho radiante dos seus negros olhos de velludo, a honestidade placida do seu coração virginal.

Era um encanto essa formosa criança; os pais adoravam-na, toda a gente que a conhecia fazia o mesmo que os pais.

Não era uma rapariga, era uma sympathia.

Havia pela franqueza jovial, pela alegria expansiva, pela sua honestidade despreoccupada, um respeito devêras estranho que não costuma muito acompanhar estas sympathias pelos olhos negros das estanqueiras.

Um dia a pequena desappareceu da loja.

Estava doente.

Dalli a dias voltava á loja, mas voltava dentro dum modesto caixão forrado de panninho branco, com aquelles formosos olhos fechados para sempre, vestida de seda, com a pallidez do lyrio nas faces, com uma corôa de rosas virginaes sobre os cabellos negros e encrespados, com o seu vêo branco de donzella a envolvel-a toda como dantes envolvia a alegria descuidosa da sua mocidade.

Parecia uma noiva formosa que dormia para acordar na esplendente aurora nupcial.

E effectivamente quasi que assim fora. Um dia o noivo viera e ella deixára-se adormecer-lhe nos braços; mas era um triste noivo—o typho.

Esperava-a á porta um carro lugubre—o esquife. Abriu-se ante ella um desconsolador leito nupcial—a cova.

E ella foi, a pobre criança, não pôde resistir-lhe.

E amanhã a natureza com o seu sarcasmo terrivel fará desabrochar cogumellos nesse campo sinistro onde as mãos amigas só colhem saudades.

GERVASIO LOBATO

Pochades

— GALERIA CONTERRANEA —

III

(Dr. A. M.)

GRANDE talento, espirito elevado e atiladissimo, erudicção — não pequena, grande amor á politica e immensa dedicação aos principios, que adopta.

Só tem de pequeno — o corpo.

Não chega a ser um Tom-Pouce, mas tambem não é o que se diz um Gollias.

Entre os seus adversarios escolheria de preferencia para luctar, o Sr. Moreira de Barros.

Politico e jornalista.

Na tribuna — tem a palavra facil, vibrante, incisiva. Quando o contrariam é até eloquente, o discurso sae-lhe copioso no fervor enthusiastico da convicção.

Na imprensa — é calmo, pensador; discute com prudencia e mantem sempre com o estylo correcto, a delicadeza de cavalheiro, a urbanidade nobre, que o distingue e eleva.

Conservador acendrado; mas, sem os carrancismos obsoletos da velha escola tradicionalista.

Advoga com dedicação louvavel a causa popular, o que o torna digno de fervidos applausos.

Uza a barba á — Saldanha Marinho. Não é, porem, um pedreiro — livre. Pelo contrario, dá provas de ser um catholico firme e de orthodoxia incontestavel.

Seus olhinhos negros, de faiscações terriveis, denunciam-lhe a rara perspicacia, a penetração insolita.

Tem predilecção pela mechanica, pelas mathematicas e, sobretudo, pela — prosa.

E' um *causeur* admiravel: espirituoso, vivido, attrahente.

Tem os requisitos indispensaveis —para tornar uma palestra mais agradavel que as imperiaes palestras do Sr. D. Pedro II: — memoria prompta, um subsidio valioso de casos interessantes, critica desapiedada, graça especial no gesto. . . tudo!

DESERTO

Pallida, triste, anemica e nervosa,
altiva, refractaria ao sentimento,
— fere-lhe horrivel, forte, um só tormento,
um desejo impossivel: — ser formosa!

Muita vez lhe segreda o pensamento
que é rica, aristocrata, poderosa,
mas, ai! — o coração da desditosa
— «E's feia e má!» repete, lento e lento . . .

E ella . . . prosegue em seu viver sombrio;
— nem um raio de amor no inverno frio,
d'aquelle peito de afflicções coberto! . . .

— Ás vezes, sonha que o amor lhe veio
e acorda . . . e — chora, ao presentir no seio
o aterrador silencio do deserto . . . .

JORGE RODRIGUES

Ultimamente, tudo isto anda arrefecido, occulto, reservado. . .

Um monstro horrivel absorve todas essas manifestações do seu espirito adiantado e sadio:

—A candidatura. . .

RAPHAEL JUNIOR.

Adversario anonymo

HA na sociedade uma força que actua nas trevas, pacientemente e constantemente, oppondo-se ao desenvolvimento de tudo que é nobre e grandioso, e procurando impedir a realisação dos mais louvaveis tentamens.

Sua intensidade é proporcional ao adiantamento intellectual do meio em que se faz sentir, podendo por isso ser facilmente attenuada ou difficilmente combatida.

Procurar, porem, destruil-a de uma só vez—é impossivel, porque ella existe mas não apparece ás claras, não tendo, como as outras forças que imprimem direcção ao movimento social, um representante que se ufane de sua obra, arrostando obstaculos e não recuando em face de penosos sacrificios.

É um adversario anonymo, que esgrime na sombra, tendo collada ao rosto uma mascara que se não desfivella nunca.

Abatido uma vez, não o inutilisa o resultado da lucta; procura readquirir forças e surge mais tarde a sustentar um novo combate.

Com uma tenacidade que seria digna de elogios si outros fossem os fins, a que se propõe, elle espera o resultado dos esforços que emprega, não desanimando ante as contrariedades, que encontre, e os obstaculos,que lhe difficultem a marcha.

A queda de um principio adiantado é para elle um triumpho; a realisação de uma idéa nobre é para elle—a derrota.

Vencedor ou vencido, victorioso ou derrotado ás vezes, esse adversario ha de existir sempre,emquanto houver os dous baluartes que o tornam inexpugnavel — a ignorancia e a inveja. —

B.

Lina

(ROMANCE Á LA MINUTE)

Lina, uma travessa loirinha.

Loura e travessa,—um abysmo!

Alva, *chic*, mimosa, como inspiradora *miss*. Uma Gretchen fascinante. Um anjo!

No olhar — a vivacidade do azougue.

Na voz—a suavidade lubrica de hespanhola. Um demonio!

II

Lelio, seu visinho.

Um bom rapaz, sympathico e honesto.

Louro tambem. Olhos azues, fronte scismadora.

Um poeta, quem sabe?

Um bardo á antiga, vivendo pelo coração, entregue ás largas scismas incessantes.

Passava á janella as noites, contemplando o *chalet* da visinha.

E scismava, scismava muito!

III

Lina amava-o?

Era um mysterio: Elle soffria e de uma vez perguntou-lh'o.

Ella sorrio e ... correu para dentro, cantarolando o *Amor tem fogo*.

IV

Contemplavam-se horas inteiras.

Elle cravava-lhe extatico um olhar profundo, supplice,—um poema de ternura!

Lina sorria.

O visinho ás vezes, chorava...

V

Nem uma esperança vinha animal-o.

Uma tarde assomou á janella, trajando preto.

Lina, do *chalet*, lançou-lhe um olhar sem expressão.

Sempre a rir, a travessa!

Elle fitou-a, e sorrio tambem; mas um sorriso pallido, repassado de angustia . . .

Depois, apontou o céu e

—Lá, a felicidade ... murmurou.

E disparou um rewolver no craneo.

Poz as mãos na cabeça vacillou e cahio, morto.

VI

Lina correu para dentro, cantarolando o *Amor tem fogo...*

C.

Lambrequins

Um incredulo a quem perguntaram o que é a medecina,respondeu:

— E' a arte de matar gente sem que a policia se envolva no caso.

—

« São mesmo o diabo estes homens »
— dizem as mulheres; ao cabo
não desejam outra cousa
senão — que as leve o diabo!

—

Um sujeito, surdo como uma porta, dizia a um visinho seu:

— Só sinto ter es[illegible] defeito quando meu filho toca rabeca. Desespera-me não poder ouvil-o.

— Pois, meu amigo, se o ouvisse, com toda a certeza desejaria ser surdo!

—

O coveiro é o mais lugubre dos semeadores.

Nunca germina a semen[illegible] que elle deita a terra.

Morte ao tempo

As questões do numero passado são
Das charadas em zig-zag

TELEGRAPHICAS

Ama — Agatha — Papagaio

FUGA DE CONSOANTES

Moreninha, moreninha,
Tu és do campo a rainha.
Tu és senhora de mim;
Tu matas todos de amores,
Faceira vendendo as flôres
Que colhes no teu jardim.

LOGOGRYPHO

Volubilidade.

NOVISSIMAS

Caravó—Argema—Araçá.

Recebemos decifrações do Club das Perspicazes e dos Srs. Custodio Guedes, Francisco Honorio e Paulo Teixeira.

Todas certas!

Como se vê, pela ordem, coube o premio ao Club das Perspicazes.

Está invencivel!

Como premio das questões de hoje temos «*Minhas crenças e opiniões*» de Francisco Cunha.

A minha *opinião*, entretanto, é que ninguem tem *crenças* desta vez!

LOGOGRYPHO

Animal	7—3—8—1
Vegetal	2—4—2—1
Mineral	3—1—5—9
Passaro	3—9—2—4—7
Peixe	3—6—2—7

CONCEITO

Mineral.

EM ZIG-ZAG

A arte	4
da descanso	2
ao animal	4

Do mundo litterario
no folgido proscenio,
surgi como um sacrario
das joias de alto genio—1

Animo a lucta e forte
supplanto a indigencia;
prometto a vida, e á morte
condemno a negligencia—2

E a minha vista espraio,
na humana aspiração,
—vencendo como um raio
a infame condição—4

TELEGRAPHICAS

Cacete no barbeiro	3
Furia é peixe?	3
Camelo é instrumento!	3
Casar é negocio?	2

(EM QUADRO)

— — — —Sou veste
— — — —Sou homem
— — — —Sou arvore
— — — —Sou animal

NOVISSIMAS

Todos têm depois da morte um defeito—1—2

O instrumento é instrumento da Igreja—1—1

A virtude é peccado no mercado-1-2

PROVERBIO

(sem consoantes)

—o — —a—o á —o— —a — e
—e — —e —ui —a— —e—e—a—o—a

Este proverbio começa por D e acaba por A.

No numero passado a charada—Caravó mereceu justamente uma censura.

As minhas intenções, entretanto, eram as melhores; e se empreguei a palavra *vó* em *logar* de *avó*, é porque tinha em vista uma *vó*...torta.

TONG KONG SING.

Subscripção

(Para a familia de Bernardo Guimarães)

Red. d'O *Domingo*	10$000
» da *Gazeta Mineira* . .	5$000
Dr. Baeta Neves	5$000

Sobre a meza

Correio de Juiz de Fora.—N. 1. Jornal de grande formato, que acaba de apparecer n'aquella importante cidade. Publicação—ás quintas-feiras e domingos. Estão encarregados de sua redacção os nossos illustrados collaboradores drs. W. Badaró e Constantino Palleta, dous talentos possantes, dous espiritos adiantados, perfeitamente aptos para elevar o *Correio* a altura que elle merece.

A gerencia está ao cargo do proprietario o nosso amigo Rodrigo Pereira de cuja atividade tudo se pode esperar.

Asseguramos ao novo collega os nossos desejos sinceros de vel-o trilhar sempre os amplos caminhos luminosos da prosperidade.

Salon de la Mode.—Importante jornal de modas, que apparece em Pariz todos os sabbados. Traz noticias do que ha de melhor no *grand monde* parisiense, relativamente á *toilettes*; figurinos soberbos e uma secção litteraria e recreativa muito variada. No genero só conhecemos um que rivalisa com o *Salon de la mode*, é o

La Mode illustrée, que se publica aos domingos, n'aquella mesma capital. Contem os desenhos e discripções das modas mais elegantes e modelos de trabalhos de agulha, etc,—bellas-artes, romancetes, chronicas, litteratura, etc.

Apreciabilissimo.

—Estes dous jornaes de modas foram-nos remettidos por intermedio dos srs. Henri Nicoud & C. (*Au petit journal*) que são os unicos correspondentes e depositarios do *Salon* e recebem assignaturas para todos os jornaes francezes.

Zungui, um petiz de 4 pollegadas, cheio de versinhos e pilherias mais ou menos cruas . . .

CORRESPONDENCIA

SR. ALBERTO DE CASTRO. Não é tanto como lhe querem fazer crer. Temos recusado publicidade a muitos escriptos, mas a razão é simples: —ainda não nos veio muita cousa que preste . . .

Mande-nos o senhor algum *d'esses fructos de suas noites de insomnia* que, si for possivel, o daremos a saborear aos nossos leitores.

SR. A. RANGEL. Seus dous sonetos, embora não sejam sem defeitos, dão uma prova de que existe no senhor uma particula do *quid divinus*. Continue a trabalhar, que com muito prazer lhe concederemos um logar nas columnas d'*O Domingo*.

SR. APRIGIO COUTO—Só se foi na agencia do correio d'ahi. Na d'aqui temos toda a confiança. O chefe é novo, mas zeloso e digno Já vê que não têm razão esses vampiros da sombra de que o sr. fala . . .

O DOMINGO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Propriedade e Redacção de Jorge Rodrigues e José Braga

Preço da assignatura:

Para a cidade--6$ por anno; 3$---por semestre.
Para fóra só se acceitam assignaturas por anno--6$.
Numero avulso 200 reis.

A typographia d'O DOMINGO, dispondo de um material novo e escolhido propõe-se a fazer qualquer trabalho avulso com promptidão, nitidez e modicidade de preços.

Escriptorio, administração e officinas

54-RUA DO DUQUE DE CAXIAS-54